

A IDENTIFICAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM DEPOIMENTOS SOBRE ADOÇÃO: UMA ABORDAGEM DISCURSIVA CRÍTICA

IDENTIFYING CHILDREN AND ADOLESCENTS IN ADOPTION TESTIMONIALS: A CRITICAL DISCURSIVE APPROACH

Layane Campos Soares¹
 Maria Aparecida Resende Ottoni²

RESUMO: A prática social de adoção pode ser considerada uma questão bastante desafiadora no Brasil. Ao se analisar os dados disponibilizados pelo Conselho Nacional de Justiça no *Diagnóstico Sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento* (BRASIL, 2020), percebe-se que o número de pretendentes à adoção é seis vezes maior em relação ao número de crianças e adolescentes que aguardam colocação em família substituta. Isso se dá, em parte, em função da discrepância existente entre o perfil de filho/a idealizado por quem deseja adotar e o perfil de crianças e adolescentes disponíveis à adoção. Em virtude disso, é comum encontrarmos práticas que incentivam a adoção tardia como, por exemplo, o projeto *Quero uma família*, desenvolvido pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, que divulgou diferentes depoimentos sobre adoção, com o intuito de incentivar a adoção tardia. Levando em consideração esse contexto e a relação dialética que se estabelece entre linguagem e sociedade, decidiu-se realizar uma análise discursiva crítica desses depoimentos com o objetivo de compreender como os/as filhos/as são identificados/as pelos/as adotantes. Desse modo, este estudo baseou-se na Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003, 2010), no Sistema da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) e na Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2009). Os resultados principais revelam que os/as adotantes identificam seus/suas filhos/as por meio de escolhas lexicogramaticais que denotam avaliações de Afeto, com prevalência de emoções ligadas ao grupo da felicidade, o que pode ser um incentivo ao processo de adoção tardia.

Palavras-chave: Análise de discurso crítica; sistema da avaliatividade; linguística de *corpus*; prática social de adoção; depoimentos.

ABSTRACT: The social practice of adoption can be considered a very challenging issue in Brazil. When analyzing the data provided by the National Council of Justice in the *Diagnosis of*

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional (UFU/CNPq).

² Doutora em Linguística - Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília - UNB. Estágio de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e estágio de pós-doutoramento na Universidade de Brasília. Professora associada do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU) e do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFU). Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistemico-Funcional.

the National Adoption and Reception System (BRASIL, 2020), it is clear that the number of applicants for adoption is six times greater than the number of children and adolescents waiting placement in a foster family. This is partly due to the discrepancy between the profile of the child idealized by those who want to adopt and the profile of children and adolescents available for adoption. As a result, it is common to find practices that encourage late adoption, such as the project *Quero uma Família*, developed by the Public Ministry of Rio de Janeiro. The project released different testimonies about adoption to encourage late adoption. Considering the context and the dialectical relationship established between language and society, we decided to carry out a critical discursive analysis of these testimonies in order to understand how children are identified by adopters. Thus, this study was based on Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003, 2010), on the Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005) and on Corpus Linguistics (BERBER SARDINHA, 2009). The main results reveal that adopters identify their children through lexicogrammatical marks that denote Affection evaluations, with prevalence of emotions linked to happiness, which can be an incentive to the late adoption process.

Keywords: Critical discourse analysis; evaluation theory; corpus linguistics; adoption social practice; testimony.

1 Introdução

A adoção é uma problemática bastante desafiadora no Brasil, conforme comprovam os dados disponibilizados pelo Conselho Nacional de Justiça no *Diagnóstico Sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento* (BRASIL, 2020). Segundo esses dados, atualmente há mais de 5 mil crianças e adolescentes à procura de uma família e, em contrapartida, há mais de 34 mil pessoas dispostas a adotar. Isso evidencia que há muito mais interessados/as em adotar que candidatos/as à adoção. Todavia, mesmo com essa realidade numérica, inúmeras crianças e adolescentes permanecem sem ser adotados/as, por não se enquadrarem no perfil de filho/a idealizado pelos/as que aguardam na fila de adoção.

Esse perfil³ de filho/a idealizado pelos/as pretendentes à adoção é definido no processo de habilitação, no qual esse/a pretendente passa por uma avaliação realizada por uma equipe interprofissional, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente, na seção VIII, do capítulo III (BRASIL, 1990). Nesse processo, investiga-se “As preferências ou exigências quanto às características da criança ou do adolescente [...]. Desse modo, interessa indagar tudo o que diz respeito à criança, para além das características físicas preferidas (faixa etária, cor da pele, estado de saúde, sexo)” (PAIVA, 2004, p. 103). Para que a adoção se efetive, é necessário que haja uma compatibilidade entre o perfil de crianças e adolescentes disponíveis à adoção e o de filho/a idealizado pelos/as pretendentes. Ainda segundo os dados disponibilizados no *Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento* (BRASIL, 2020, p. 25), aproximadamente 93,8% dos/as pretendentes à adoção no Brasil “[...] não estão vinculados a qualquer criança ou adolescente, ou seja, não foi possível realizar a vinculação automática desses

³ Ressaltamos que o estabelecimento de um perfil de filho/a por parte do pretendente faz parte do processo de adoção e o desejo em adotar crianças ou adolescentes com determinadas características físicas é algo legítimo nesse contexto.

pretendentes considerando o perfil desejado por eles com o perfil existente das crianças e adolescentes disponíveis para adoção”.

Compreendemos que a problemática da adoção é uma questão muito complexa⁴ no Brasil e, por essa razão, é muito comum encontrarmos práticas de apoio e incentivo à adoção tardia. Uma dessas práticas se inscreve no contexto do projeto *Quero uma Família*, desenvolvido pelo Ministério Público do Rio de Janeiro, que contou com a colaboração de diferentes atores sociais que enviaram depoimentos acerca do processo de adoção, especialmente, aqueles que adotaram crianças e adolescentes que não se enquadraram no perfil desejado pela maior parte das pessoas que pretendem adotar. Desse modo, o intuito principal da publicação desses depoimentos no *site* do projeto foi o de incentivar outras pessoas a adotarem crianças e adolescentes cujos perfis não se enquadram no desejado pela maioria das pessoas, dando visibilidade, de certa forma, a essa prática.

Tendo em vista o contexto da adoção e a relação dialética que se estabelece entre a linguagem e a sociedade, é que propomos empreender uma análise discursiva crítica de dezessete depoimentos selecionados no *site* do referido projeto, com o intuito de investigar como os/as filhos/as são identificados/as pelos/as adotantes. Entendemos que os/as produtores/as desses depoimentos se posicionam em relação à adoção e aos/às filhos/as adotados/as e que o modo como se posicionam evidencia diferentes tipos de avaliação, que são materializados por meio de recursos lexicogramaticais. Desse modo, ao interagirem por meio desses depoimentos, esses/as produtores/as revelam para seus/suas interlocutores/as suas atitudes no tocante à adoção e aos/às filhos/as adotados/as.

Conforme Fairclough (2003), a avaliação é uma das categorias de análise do significado identificacional do discurso, o qual é associado ao conceito de estilos, compreendido como os aspectos discursivos das identidades. E as identificações construídas a partir de avaliações podem ser explicitadas com o desenvolvimento de análises pautadas no Sistema da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), constituído de três subsistemas: Atitude, Gradação e Engajamento. O primeiro envolve recursos usados para expressar sentimentos e emoções, para expressar julgamentos de caráter e para atribuir valor às coisas. O segundo inclui recursos para expressar o quanto queremos aumentar ou diminuir o grau de nossa avaliação. O terceiro diz respeito às fontes de nossa avaliação, à articulação de vozes para a construção dessa avaliação e ao nosso envolvimento com essas vozes.

Neste estudo, centramo-nos no Subsistema da Atitude, que está relacionado aos sentimentos e emoções que expressamos, aos julgamentos de caráter e avaliações de valor, podendo ser categorizadas em três campos semânticos diferentes, que são vistos como tipos de recursos empregados para se expressar sentimentos e avaliar pessoas e coisas, a saber: Afeto; Julgamento e Apreciação (MARTIN; ROSE, 2003). Essas três categorias envolvem três regiões semânticas, que são: a emoção (ligada ao Afeto), a ética (ligada ao Julgamento) e a estética (ligada à Apreciação).

Em nossa investigação, intentamos responder a estas questões de pesquisa: i) como as crianças e os/as adolescentes são identificados/as nesses depoimentos pelos/as adotantes? As

⁴ Essa complexidade é decorrente de uma série de fatores que perpassam a prática social de adoção como, por exemplo, a morosidade no processo de destituição do poder familiar das crianças e adolescentes que estão em situação de acolhimento institucional ou familiar, visto que há “[...] um profundo e enraizado preconceito contra a defesa da criança em face de sua família biológica” (BITTENCOURT, 2013, p. 5), sendo esse o problema mais nocivo da adoção no Brasil, segundo a avaliação de Bittencourt (2013).

identificações são realizadas por meio de quais recursos linguísticos⁵? Elas são predominantemente construídas por meio de Afeto, de Julgamento ou de Apreciação?

Para responder a essas questões e atingir o objetivo proposto, ancoramos o nosso estudo na Análise de Discurso Crítica (ADC), especificamente, na abordagem Dialético-Relacional (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003, 2010; CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999), no Sistema da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) e nos estudos de Berber Sardinha (2004, 2009) sobre a Linguística de *Corpus* (LC).

2 Análise de discurso crítica e linguística sistêmico-funcional

Fundamentamos este trabalho, conforme mencionamos anteriormente, na abordagem Dialético-Relacional, que procura entender as diversas práticas que compõem a vida social. Ela parte do fundamento de que essas práticas se constituem a partir da articulação e internalização do discurso/semiose com outros elementos da vida social, que mantêm uma relação dialética entre si, sem se reduzirem ao outro. Desse modo, o discurso/semiose é compreendido como um dos elementos da prática social (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Conforme Ottoni (2014, p. 29) “[...] essa abordagem tem como interesse investigar a relação que se estabelece entre linguagem e poder, linguagem e estabelecimento das identidades, além de ter como um de seus objetivos ‘desmistificar’ os discursos ao desvelar ideologias [...] e traz no bojo de sua concepção uma postura emancipatória, que se empenha para tentar produzir transformações sociais”. Essa pesquisadora explica que essa postura emancipatória é uma característica determinante no que concerne às abordagens da ADC, que têm ampliado bastante o diálogo com teorias sociais e linguísticas.

Sobre o diálogo que a ADC mantém com outras teorias, podemos destacar a sua estreita relação com a LSF, tendo em vista que, segundo Fairclough (2003), essa é a teoria linguística mais apropriada para se empreender investigações na ADC. Isso se deve ao fato de que a LSF está bastante preocupada com o estudo da linguagem em sua relação com outros elementos da vida social, propondo uma teoria para a análise linguística pautada no caráter social dos textos (OTTONI, 2014).

A LSF considera que os sistemas linguísticos estão abertos à vida social, isso explica por que a perspectiva de Halliday e Matthiessen (2014) se define como semiótica social. Além disso, essa teoria é sistêmica em virtude de conceber a língua como “[...] redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir, fazer coisas no mundo” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 19). E o seu estudo da linguagem é funcional por três razões principais: a) propõe-se a explicar a língua em seu contexto de uso; b) os componentes principais do significado linguístico são funcionais, a saber: ideacional, pautado nas funções experiencial (responsável pela construção de representações de mundo) e lógico (responsável pelas combinações de grupos oracionais e lexicais); interpessoal (responsável pela construção das relações que estabelecemos com o outro); e textual (responsável pela construção de elos coesivos que

⁵ Decidimos fundamentar a nossa análise nos recursos linguísticos em razão do nosso *corpus* ser constituído, exclusivamente, por linguagem verbal. Entretanto, de acordo com Fairclough (2003), as identidades são constituídas por uma série de recursos linguísticos e não linguísticos como, por exemplo, gestos, expressões faciais, postura, estilo do cabelo, vestimenta, dentre outros.

possibilitam a adequação de textos em função do contexto social); c) todos os elementos de uma língua exercem uma função no sistema linguístico, podendo ser explicados por essa função (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Segundo Fairclough (2003), a LSF enfatiza a multifuncionalidade da linguagem, na qual o texto desempenha simultaneamente as funções ideacional, interpessoal e textual. Em outras palavras, o texto simultaneamente:

[...] representa aspectos do mundo (do mundo físico, do mundo social, do mundo mental); estabelece relações sociais entre participantes dos eventos sociais e suas atitudes, desejos e valores; conecta coesamente e coerentemente partes dos textos e os textos com seus contextos situacionais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 27, tradução nossa⁶).

Sobre a metafunção ideacional, ela está ligada ao sistema da transitividade; é nesse sistema que temos a oração como representação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Sabemos que existe diferença entre o que experienciamos no mundo exterior e no mundo da consciência, inclusive em relação às nossas emoções. A experiência exterior representa as nossas ações e eventos; e a experiência interior é aquela que representa nossas emoções, nossas reações, nossas lembranças, dentre outros (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Em relação à metafunção interpessoal, ela é a responsável pelas nossas relações com o outro. E essas relações são estabelecidas por meio da linguagem, pois é ela que nos permite interagir com diferentes atores na vida social. Além disso, é pela linguagem que conseguimos negociar relações e expressar nossas atitudes. É na interação que “[...] empregamos a linguagem para criar significados e, por meio da análise linguística, podemos descortinar as relações de poder, ou não, presentes na interação entre os interactantes, bem como o grau de adesão de quem diz e em relação ao que diz” (LIMA, 2014, pp. 88-89). E, por último, temos a metafunção textual que é responsável pela organização da mensagem.

Pensando na multifuncionalidade da linguagem, Fairclough (2003) amplia ainda mais a discussão entre a ADC e a LSF. Dessa forma, ele propõe uma articulação entre as três metafunções de Halliday (1994) e os três modos como o discurso figura nas práticas sociais: como modos de agir (gêneros), de representar (discursos) e de identificar (estilos). Ao elaborar essa articulação, o autor dá origem a três tipos de significados do discurso: representacional, identificacional e acional (FAIRCLOUGH, 2003).

Dentre os três significados propostos por Fairclough (2003), daremos ênfase ao significado identificacional, pois intentamos neste estudo compreender o modo como as crianças e adolescentes adotados/as são identificados/as pelos/as adotantes nos depoimentos publicados no site *Quero uma Família*. Por essa razão, consideramos produtivo empreender um estudo pautado na categoria Avaliação, uma vez que ela nos possibilita compreender as identidades que são construídas por meio avaliações. Ainda sobre a avaliação, ela é uma categoria moldada por estilos, na qual podemos perceber apreciações ou perspectivas acerca dos aspectos do mundo, que podem ser consideradas bons ou ruins, desejáveis ou não, podendo ser materializados linguisticamente, conforme vemos na próxima seção.

⁶ Tradução nossa de “[...] represent aspects of the world (the physical world, the social world, the mental world); enact social relations between participants in social events and the attitudes, desires and values of participants; and coherently and cohesively connect parts of texts together, and connect texts with their situational contexts”.

2.1 Significado identificacional e o sistema da avaliatividade

O significado identificacional está relacionado ao conceito de estilos, conforme aponta Fairclough (2003). Segundo o autor, os estilos constituem aspectos discursivos das identidades e é por meio deles que conseguimos perceber o modo como as pessoas se identificam e são identificadas. Segundo Fairclough (2003, p. 161, tradução nossa⁷), “A identificação é um processo complexo. Parte de sua complexidade decorre do fato de que é preciso fazer uma distinção entre aspectos sociais e pessoais da identidade - identidade social e pessoal”. O autor salienta que a identidade não deve ser vista somente como um efeito do discurso, visto que ela também é construída no/pelo discurso.

Desse modo, as pessoas não podem ser vistas somente como alguém preposicionado a participar de eventos sociais e textos, mas elas também são importantes agentes que atuam no sentido modificar ou transformar diferentes aspectos do mundo social. Nessa perspectiva, Fairclough (2003, pp. 160-161, tradução nossa⁸) afirma que “Desenvolver uma identidade social de forma plena é uma questão de ser capaz de assumir papéis sociais, mas também de personificá-los, revesti-los com uma personalidade própria (ou identidade pessoal), colocando-os em prática de forma distintiva”.

Ainda sobre a noção de identidade, trazemos Castells (1999, p. 23), que nos alerta que “[...] toda e qualquer identidade é construída e a principal questão acerca da construção da identidade é ‘como, a partir de que, por quem e para quem isso acontece’, uma vez que isso é determinante do conteúdo simbólico da identidade”. É preciso destacar que as identidades não são fixas, não são estáveis, elas são fragmentadas e compostas por uma série de outras identidades. Essas identidades algumas vezes chegam a ser contraditórias. “O próprio processo de identificação [...] tornou-se mais provisório, variável e problemático’, tornando a identidade uma ‘celebração móvel’, formada e transformada continuamente” (HALL, 2009, p.11).

Dessa forma, para investigarmos as identidades materializadas linguisticamente em textos, Fairclough (2003) propõe o uso de algumas categorias, dentre elas, a avaliação. Pensando nisso e levando em conta sua produtividade no *corpus* selecionado, trabalharemos com essa categoria neste estudo e, a fim de realizarmos nossa análise, apoiemo-nos no Sistema da Avaliatividade, proposto por Martin e White (2005). Esse sistema se baseia em um conjunto de significados interpessoais que se dedica aos modos de avaliação que são veiculados pela linguagem, articulados em um sistema que possibilita aos usuários empregar uma variedade de itens avaliativos em suas interações sociais (VIAN JR; 2010). Isso implica no fato de que a linguagem nos oferece uma variedade de recursos para que possamos realizar diferentes avaliações (VIAN JR, 2010). Essas avaliações, por sua vez, podem ser categorizadas a partir dos recursos lexicogramaticais empregados. O Sistema da Avaliatividade engloba três subsistemas, são eles: atitude, gradação e engajamento.

Neste estudo, concentramo-nos no Subsistema da Atitude que diz respeito a “[...] um sistema da semântica discursiva, que se realiza léxico-gramaticalmente por meio de diferentes

⁷ Tradução nossa de “Identification is a complex process. Part of its complexity arises from the fact that a distinction needs to be drawn between personal and social aspects of identity - social identity and personality”.

⁸ Tradução nossa de “Achieving social identity in a full sense is a matter of being capable of assuming social roles but personifying them, investing them with one's own personality (or personal identity), enacting them in a distinctive way”.

estruturas gramaticais” (VIAN JR, 2010, 20). Esse subsistema está associado à metafunção interpessoal de Halliday e Matthiessen (2014), pois as avaliações que construímos sobre o outro depende das relações que estabelecemos com ele. Sobre esse subsistema, ele é constituído por três tipos de atitudes, que são compreendidas como recursos que utilizamos para manifestar sentimentos e avaliar pessoas e coisas, sendo categorizados da seguinte forma: Afeto (relacionado à região semântica da emoção), Julgamento (ligado à região semântica da ética) e Apreciação (atrelada à região semântica da estética). Considerando o objetivo da nossa análise e o fato de a última categoria estar relacionada à avaliação de objetos e coisas, centraremos a nossa discussão no Afeto e no Julgamento.

O Afeto é uma categoria de análise que denota valores que são expressos na forma de atributos, de processos e de circunstâncias. Ele pode também ser realiza do por meio de entidades virtuais, ou seja, por nominalizações (WHITE, 2004). Enquanto categoria, o Afeto envolve a presença de um participante consciente, que, de alguma forma, é afetado emocionalmente por um fenômeno ou entidade, sendo responsável por desencadear a emoção (MARTIN; WHITE, 2005). As características do Afeto podem indicar que os participantes possuem bons sentimentos (Afeto positivo) e maus sentimentos (Afeto negativo). Para Martin e White (2005), o Afeto pode ser identificado sob três aspectos: como qualidade, como processo e como comentário, conforme podemos notar no quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Formas de realização do Afeto em textos

REALIZAÇÃO DO AFETO EM TEXTOS	Exemplificação:
<p>Afeto como qualidade</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Epíteto ou qualidade nominalizada (descrição do participante). ⇒ Atributo em uma oração relacional (atribuição a participante). ⇒ Atributo em uma oração relacional identificativa (atribuição a participante). ⇒ Circunstância de maneira (maneira do processo). 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Uma criança <u>alegre</u>. ⇒ A criança estava <u>alegre</u>. ⇒ Ela <u>é uma criança alegre</u>. ⇒ A criança saiu <u>alegremente</u>.
<p>Afeto como processo</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Mental afetivo ⇒ Relacional possessivo ⇒ Comportamental 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ Não me <u>conformei</u> com a separação. ⇒ Ela <u>é a nossa</u> criança. ⇒ A criança <u>sorriu</u>.
<p>Afeto como um comentário</p> <ul style="list-style-type: none"> ⇒ Adjunto modal 	<ul style="list-style-type: none"> ⇒ <u>Infelizmente</u>, ela teve que sair.

Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

De acordo com White (2004, p. 186), “[...] as emoções podem ser reunidas em três grandes grupos ligados à in/felicidade, in/segurança e in/satisfação”. Assim, a variável in/felicidade está relacionada às emoções ligadas aos ‘assuntos do coração’ - felicidade, amor, tristeza e ódio, por exemplo. A variável da in/segurança, por sua vez, está relacionada às emoções ligadas ao bem-estar ecossocial - medo, ansiedade e confiança, dentre outros. Por último, temos a variável in/satisfação que está relacionada às emoções ligadas ao *telos*, isto é, a busca de objetivos - curiosidade, respeito, tédio, desprezar, dentre outras (WHITE, 2004).

A categoria Julgamento, por sua vez, está relacionada às avaliações acerca do comportamento das pessoas, sendo compreendida como um recurso semântico empregado para ressaltar as qualidades do falante/escritor por meio do uso de atributos e epítetos. Essa categoria se subdivide em dois grupos de significados, a saber: de estima social e de sanção social.

Os Julgamentos de estima social envolvem avaliações que podem ocasionar na elevação ou no rebaixamento do indivíduo em uma determinada comunidade, a partir de regras morais, sem implicações legais. Para White (2004, p. 187), “Os Julgamentos de estima social podem estar ligados à normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado ele é)”.

Por outro lado, os Julgamentos de sanção dizem respeito às avaliações que consistem em elogios e/ou condenações, sendo codificados na forma escrita por meio de regras, leis, regulações, dentre outros, tendo implicações legais. Ainda segundo White (2004, p. 187), “Os julgamentos de sanção social têm a ver com a veracidade (quão sincero alguém é) e a propriedade (quão ético ele é)”. Tendo em vista todas essas questões, passaremos a discorrer, na próxima seção, sobre os pressupostos e procedimentos metodológicos.

3 Pressupostos e procedimentos metodológicos

Em termos de percurso metodológico, propomos, para este estudo, uma articulação entre a abordagem Dialético-Relacional e a LC, tendo em vista as contribuições dadas pela LC no contexto dos estudos em ADC. Assim, a LC está inscrita em um quadro conceitual formado por uma perspectiva empirista, assumindo uma visão da linguagem como sistema probabilístico (BERBER SARDINHA, 2004, 2009). De acordo com Berber Sardinha (2004, 2009), no contexto dos estudos linguísticos, o empírico significa que os dados são decorrentes da observação da linguagem, sendo geralmente reunidos sob a forma de *corpus*. Por meio dessa observação, é possível perceber que a diferença de frequência entre os traços não é algo aleatório (BERBER SARDINHA, 2004, 2009). Caso essa diferença fosse aleatória, “[...] o fato de as possibilidades estruturais se realizarem com frequências diferentes não seria significativo, isto é, não acrescentaria informação a respeito da própria estrutura” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 31). Em virtude de a diferença de frequência entre os traços ser significativa, é que se faz um mapeamento regular entre a frequência maior ou menor de um traço conjuntamente com o seu contexto de ocorrência, conforme aponta Berber Sardinha (2004, 2009).

Para a realização desse mapeamento, o linguista de *corpus* utiliza programas instalados em computadores para explorar os *corpora*. Existem vários *softwares* que podem auxiliar o linguista de *corpus*, dentre eles, o *WordSmith Tools* (SCOOT, 2016). Esse programa dispõe de algumas ferramentas, a saber: *WordList* (lista de palavras), *Concord* (linhas de concordância) e *KeyWords* (palavras-chave). Essas ferramentas são fundamentais para o mapeamento da

frequência e da ocorrência de palavras no *corpus*, contribuindo para a exploração e descrição do objeto.

Pensando nessas questões, empreendemos uma análise do nosso *corpus*, na qual compilamos dezessete⁹ depoimentos, que foram produzidos por diferentes atores sociais com a finalidade de narrar as suas experiências sobre a adoção. A escolha por analisar dezessete depoimentos se deu em razão de ser o número total de depoimentos presentes no site *Quero uma Família*. Eles podem ser acessados por meio do link: (<http://queroumafamilia.mprj.mp.br/depoimentos>).

Para a realização do processo de análise, foram necessárias algumas etapas que envolveram: a limpeza e a conversão dos textos para o formato txt, bem como inserção deles no programa *WordSmith Tools 7.0* (SCOOT, 2016). Após essas etapas de preparação e inserção do *corpus* no programa, foi possível realizarmos um exame preliminar dos dados que consistiu na geração de uma *Wordlist*, com a finalidade de percebermos quais eram as palavras mais recorrentes no *corpus*, assim como a sua frequência de ocorrência. Em seguida, lematizamos o *corpus* automaticamente, a partir da elaboração de uma lista de palavras em formato txt., com base nas nominalizações, processos e atributos mais recorrentes no *corpus*, sendo agrupadas em conformidade com suas flexões e variações.

O processo de lematização foi elementar para visualizarmos quais eram os processos, atributos e nominalizações mais frequentes. Posteriormente a essa etapa, utilizamos o *Concord* para visualizarmos melhor o modo como essas palavras foram empregadas no *corpus*, juntamente com a parte do texto onde elas ocorreram. A partir de todos esses procedimentos, foi possível realizarmos a análise, conforme veremos na seção a seguir.

4 Análise do *Corpus*

Levando em consideração o objetivo da nossa análise, fizemos um recorte do *corpus* a partir do exame preliminar, o que nos permitiu focar em um único processo. Dessa forma, ao gerarmos a *WordList*, percebemos que o processo “ser” foi o mais recorrente, pois ele teve uma frequência de 180 ocorrências após o processo de lematização.

A presença desse processo no nosso *corpus* pode indicar tanto avaliações de Afeto quanto de Julgamento, visto que os processos relacionais (atributivo, identificativo, possessivo), a depender do uso, podem materializar esses dois tipos de avaliações. Assim, quando esse processo está relacionado ao campo das emoções e sentimentos, ele denota Afeto como qualidade ou processo; por outro lado, quando ele está associado a julgamentos de caráter, ele se materializa como Julgamento.

De modo a identificarmos essas avaliações, focamos somente nas ocorrências que se referiam às crianças e aos/às adolescentes adotados/as, excluindo as demais. Como resultado, das 180 ocorrências do processo “ser”, somente 34 estavam relacionadas às crianças e aos/às adolescentes. A partir disso, fizemos uma análise dessas ocorrências com a finalidade de percebermos se as avaliações mais recorrentes eram de Afeto ou Julgamento. Posteriormente à análise, passamos para o processo de inserção de *Tags* na coluna “Set” na lista gerada pelo *Concord*, na qual a letra A se refere à categoria Afeto e a letra J ao Julgamento, conforme

⁹ No entanto, para exemplificar em termos de análise, trouxemos apenas seis excertos.

podemos notar na figura 1.

Figura 1: Ocorrência do processo “ser” na lista gerada pelo *Concord*

N	Concordance	Set
1	mais em nós e, principalmente, percebia o quanto era amada. Nossa filha, agora Leticia Sofia, nossa Lelê,	A
2	. Após certa hesitação, visto que o menino - Alyson - não era da idade que tínhamos imaginado, aceitamos e	J
3	em 2009 pela 4 VIJ Capital quando tinha a época 5 anos. Era uma criança que já tinha sido devolvida três vezes e	J
4	então sentir o mesmo que eu já tinha sentido, de que era sim, a nossa Isabela, nossa filha. Passamos o final	A
5	seis anos de idade, pesando apenas 15 Kg, meu menino era tão frágil que eu tinha medo de machucá-lo, se	J
6	e carinhosa. Naquele momento já sabíamos que aquela era a nossa filha, independente das questões médicas,	A
7	e na mesma hora que a peguei em meu colo, senti que era a minha filha. Apesar do meu marido se sentir com	A
8	talvez pelo fato de serem negros, e a minha filha Sabrina ser deficiente física (não possui o antebraço e escoliose	J
9	e com baixa autoestima, vivia assombrado pelo medo de ser abandonado. Eu o coloquei em terapia pouco depois	A
10	Por fim, novamente perguntei se ainda tinha medo de ser devolvido ao abrigo e ele deu de ombros e disse que	A

Fonte: Imagem gerada pelo programa *WordSmith Tools 7.0* (SCOOT, 2016).

Das 34 ocorrências, identificamos que 25 dizem respeito a avaliações de Afeto e 9 a de Julgamento, conforme podemos observar na tabela 1, a seguir.

Tabela 1: Categorias do Subsistema da Atitude mais recorrentes no *corpus*

CATEGORIA DO SUBSISTEMA DA ATITUDE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
AFETO	25
JULGAMENTO	9

Fonte: Produzida pelas autoras.

Em conformidade com a tabela 1, podemos afirmar que essas crianças e adolescentes são identificados/as por meio de avaliações em que há o predomínio de sentimentos e emoções. Nesse sentido, ao analisarmos separadamente cada oração, percebemos que: 12 ocorrências estão baseadas em emoções sobre assuntos do coração; 9 ocorrências estão pautadas em emoções ligadas ao *telos*; e 4 ocorrências dizem respeito a emoções baseadas no bem-estar ecossocial, conforme podemos notar na tabela 2, a seguir.

Tabela 2: Avaliações de afeto presentes no *corpus*

AVALIAÇÕES DE AFETO	NÚMERO DE OCORRÊNCIA
Felicidade (emoções relacionadas aos assuntos do coração).	12
Satisfação (emoções relacionadas à busca de objetivos).	9
Segurança (emoções baseadas no bem-estar ecossocial).	2
Insegurança (emoções baseadas no bem-estar ecossocial).	2

Fonte: Produzida pelas autoras.

Sobres os tipos de avaliações de Afeto apresentados na tabela 2, observamos que todas ligadas aos assuntos do coração foram de felicidade; as avaliações relacionadas ao *telos*, por sua vez, foram todas de satisfação; enquanto as avaliações voltadas ao bem-estar ecossocial foram de segurança e de insegurança. Apesar de as ocorrências de Afetos materializados pela segurança e insegurança terem uma menor frequência, consideramos que elas são bastante representativas em nosso *corpus*, em virtude de envolver duas questões principais - o medo e a coragem - e é por isso que discorreremos primeiramente sobre elas.

Entendemos que as avaliações associadas à insegurança podem ter relação com os traumas vivenciados por muitas crianças e adolescentes que estiveram em situação de adoção. Acreditamos que esses traumas têm uma relação direta com a violação de direitos dos menores por parte de seu tutor, fazendo com eles/elas fiquem sob a responsabilidade do Estado, passando a morar em instituições de acolhimento. Dentre os muitos traumas experienciados por eles/elas, podemos apontar: estado de abandono, castigo imoderado, prática de atos contrários à moral e aos bons costumes, abuso de autoridade ou de direito (LISBOA, 2013). Esses traumas marcam substancialmente a vida dessas crianças e adolescentes, culminando em sentimentos como, por exemplo, insegurança e medo do abandono. Para exemplificar, vejamos os excertos 1 e 2, no quadro 2, a seguir:

Quadro 2: Avaliações que denotam Afeto de insegurança

DEPOIMENTOS	
Excerto 1	<i>“Tímido, inseguro e com baixa autoestima, vivia assombrado pelo medo de ser abandonado” (DEPOIMENTO 1).</i>
Excerto 2	<i>“Quanto à nossa relação, no início, por algumas vezes, em uma fase em que testou muito nossos limites e entendemos que era uma forma de saber se a queríamos de verdade, perguntei por umas duas vezes se tinha medo de ser devolvida ao abrigo (DEPOIMENTO 3).</i>

Fonte: Produzido pelas autoras.

No excerto 1, podemos notar que o Afeto de insegurança é uma avaliação negativa que se realiza como qualidade atribuída ao participante por meio do emprego de alguns atributos e de um processo relacional atributivo “ser abandonado”. Em relação aos atributos, temos as seguintes escolhas lexicogramaticais: tímido, inseguro, baixa autoestima e assombrado, que foram empregadas para identificar o filho por adoção. Além disso, temos também o emprego do nome “medo”, que diz respeito às emoções experienciadas por parte do filho por adoção, fazendo com que seus/suas pais/mães o identifiquem como uma pessoa insegura. Essa insegurança é decorrente, sob o nosso ponto de vista, dos traumas vivenciados na própria infância, ocasionando emoções que abarcam sentimentos de ansiedade e incerteza não somente em relação ao ambiente familiar, mas também acerca das pessoas que o rodeiam. Isso nos remete ao que defende Hall (2009), quando afirma que as identidades são construídas no interior dos discursos e não fora deles. E em decorrência disso, é necessário compreendermos essas identidades no âmbito de suas produções em locais históricos e em instituições específicas, ou seja, as identidades “[...] emergem no jogo de modalidades específicas de poder” (HALL, 2009, p. 109). Isso nos mostra que, quando o/a filho/a é identificado/a como alguém que é

“tímido, inseguro, assombrado” e que tem “medo de ser abandonado”, essas identidades que lhes são atribuídas estão intrinsecamente associadas com as relações de poder que foram estabelecidas ao longo de sua história, culminando em uma situação de abandono.

No excerto 2, por sua vez, percebemos uma avaliação de Afeto de insegurança, que se realiza por meio de um processo relacional atributivo: “ser” e “devolvida”, sendo vista como uma qualidade atribuída à participante. Nessa mesma oração, também temos a escolha linguística do nome “medo”, que está associado ao processo relacional atributivo “ser devolvida”. O uso desse nome, que está localizado na região de sentimento da emoção (MARTIN; WHITE, 2005), implica em uma situação de insegurança em relação ao próprio processo de adoção. Esse “medo de ser devolvida ao abrigo” deixa implícito situações de adoção malsucedida, algo que é tão comum no Brasil, sobretudo, no contexto da adoção tardia, no qual a maior parte das crianças e adolescentes que são adotados/as vivenciaram traumas bastante complexos. Isso exige uma maturidade emocional muito grande por parte da família adotiva, pois é necessário saber lidar com os sofrimentos experienciados pelos/as seus/suas filhos/as.

Dessa forma, ao refletirmos acerca dos motivos que culminam em uma situação de adoção, percebemos que o “medo” é um sentimento que marca diariamente a vida de muitas crianças e adolescentes, que passam a ter receio de serem abandonados/as novamente, de vivenciarem situações de maus-tratos e de violência, de terem, mais uma vez, seus direitos violados. Todas essas questões apontadas geram sentimento de insegurança, possibilitando que eles/elas sejam identificados/as afetivamente de forma negativa pelos/as seus/suas pais/mães por adoção. Essa identidade que é marcada pelo nome “medo” não pode ser vista como algo que está no indivíduo (filho/a por adoção), mas sim como uma situação emergente da interação que se estabeleceu entre o/a filho/a por adoção e sua família biológica, fazendo com que esse/a filho/a possa agir em práticas discursivas particulares como alguém posicionado (MOITA LOPES, 2002), isto é, como alguém que tem medo de ser abandonado.

Quanto às avaliações de segurança, consideramos que elas também são bastante representativas e dizem muito acerca das crianças e dos/as adolescentes adotados/as, bem como do processo de adoção. Essas avaliações estão relacionadas a sentimentos de paz e de confiança em relação ao/à filho/a por adoção, conforme podemos notar no quadro 3, nos excertos 3 e 4, a seguir:

Quadro 3: Avaliações que denotam Afeto de segurança

DEPOIMENTOS	
Excerto 3	“É <i>valente</i> , o meu menino. É meu <i>amigo</i> , meu <i>companheiro de viagens</i> , meu <i>parceiro mais leal</i> ” (DEPOIMENTO 1).
Excerto 4	“Diz que considera as pessoas que divulgam e trabalham pela adoção, verdadeiros <i>super-heróis</i> . Mas <i>super-herói</i> de verdade é você, meu filho” (DEPOIMENTO 1).

Fonte: Produzido pelas autoras.

Conforme excerto 3, temos um processo relacional atributivo marcado pelas escolhas linguísticas “é” e “valente”, o que denota uma avaliação de Afeto de segurança, sendo vista como uma qualidade atribuída ao participante. O emprego desse atributo caracteriza o filho como uma pessoa forte, corajosa, aguerrida, dentre outros. Ao identificar o filho como alguém

“valente”, os/as pais/mães mostram o quanto ele é corajoso, pois o próprio ato de consentir com uma colocação em uma família substituta exige coragem da criança e/ou do/a adolescente adotado/a. Em outras palavras, o processo de construção de laços afetivos, no contexto da adoção, requer coragem de quem já vivenciou uma situação de abandono.

Se considerarmos a segunda parte da oração, vemos que a relação entre as entidades é de posse, ou seja, uma entidade possui a outra (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Dessa forma, podemos compreender que há um Afeto de satisfação, pois os/as pais/mães assumem a posse da criança adotada, marcada pelo uso do possessivo “meu” junto ao nome “menino”, de forma a se identificarem com ele. Isso nos remete a explicação de Fairclough (2003), quando ele afirma que é por meio dos discursos que identificamos o outro e a nós mesmos. Além disso, conforme mencionamos, as orações de satisfação denotam um Afeto que está ligado às emoções denominadas por *telos*, ou seja, “[...] compreendem os sentimentos de realização de metas” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 49). Nesse sentido, é possível perceber que os/as pais/mães se realizam enquanto família ao adotarem o “menino”, materializando linguisticamente a sua satisfação.

Na sequência, temos uma segunda oração relacional atributiva, na qual os/as pais/mães empregam o processo “é” mais os atributos “amigo”, “companheiro de viagens” e “parceiro mais leal” para identificar o filho por adoção, o que denota uma avaliação de Afeto de felicidade, de satisfação e de segurança, atribuindo qualidade ao filho por adoção. Ao ser identificado como amigo, os/as pais/mães demonstram um sentimento de afeição em relação ao filho, pois amigo, na condição de atributo, segundo o Dicionário Online de Português (2021), diz respeito àquele que expressa afeto, que tende a ser uma pessoa do bem, dentre outros. Essa identificação está relacionada a assuntos do coração, portanto, podemos caracterizá-la como um Afeto de felicidade. Quando o filho é identificado pelo emprego do atributo “companheiro de viagens”, notamos que os pais o identificam como aquele que participa e compartilha a vida com a família, o que materializa um Afeto de satisfação, visto que essa avaliação está relacionada às emoções ligadas a busca de objetivos (WHITE, 2004). Por fim, temos uma última identificação materializada nesse excerto, que se dá pelo emprego do atributo “parceiro mais leal”, que identifica o filho como uma pessoa sincera, honesta, confiável etc. Essa identificação denota um Afeto de segurança, pois ela está associada às emoções ligadas ao bem-estar ecossocial (WHITE, 2004).

Quanto ao excerto 4, percebemos que ele também diz respeito a uma avaliação de Afeto de segurança, marcada pelo emprego do processo “é” e do atributo “super-herói de verdade”, funcionando como uma qualidade atribuída ao participante “você”, que, nesse caso, é o filho por adoção. Ao avaliar o filho como um “super-herói de verdade”, os/as pais/mães o identificam como “[...] indivíduo notabilizado por seus feitos guerreiros, sua coragem, tenacidade, abnegação, magnanimidade etc.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1520). Essa identificação aponta para a coragem de um grande guerreiro do mundo real, que teve sua história de vida marcada pela dor do abandono e pela segurança do acolhimento. Além disso, temos uma circunstância de modo que é explicitada pela escolha linguística, “de verdade”, fato que caracteriza esse super-herói, como alguém personificado para a vida real. Apesar do emprego dessa circunstância de modo, é preciso enfatizar que há um ponto que é comum entre o super-herói da vida real e o das histórias em quadrinhos. Isso nos remete ao pensamento de Costa (2010, p. 45), quando ele afirma que “[...] o herói pode ser representado de diversas formas, e surgir de qualquer situação, mas uma característica que todos possuem em comum é a de que sempre serão o ponto central de qualquer história”. Fazendo um paralelo com essa afirmação, notamos que, nas histórias de adoção, o papel central será sempre desempenhado

pelo/a filho/a por adoção, tendo em vista que ele/ela é o/a herói/heroína da história. Ao ser identificado/a dessa forma, esse/a filho/a passa a ser visto como um agente importante que atua no mundo de forma a modificar ou transformar (FAIRCLOUGH, 2003) a sua realidade e a de sua família substituta.

Além das avaliações de Afeto de segurança, de insegurança e de satisfação, também encontramos as de felicidade que foram o tipo de avaliação que ocorreu em maior frequência no nosso *corpus*. De acordo com White (2004), as avaliações de Afeto de felicidade estão associadas às emoções ligadas aos “assuntos do coração”, denotando sentimentos de alegria. Acreditamos que as crianças e os/as adolescentes adotados/as foram avaliados, na maior parte dos casos, a partir de sentimentos que caracterizam o amor, por exemplo, com a finalidade de mostrar o quanto esses/as pais/mães estão realizados/as com o processo de adoção e o quão amáveis são os/as filhos/as “do coração”.

Nesse contexto, podemos afirmar que essas avaliações mantêm uma relação intrínseca com o próprio ato de adotar, tendo em vista que ele implica em uma reconstrução de laços familiares para crianças e adolescentes que foram privados de permanecerem com as suas famílias biológicas, o que proporciona o estabelecimento de relações paterno-filiais. O estabelecimento dessas relações no âmbito da adoção se dá por meio de uma família substituta/adotiva que, segundo Lisboa (2013, p. 310), é aquela que passará a “[...] constituir laços de afinidade e de Afeto com o menor”.

Com base nesse preceito, notamos que o vínculo afetivo é fundamental nas relações familiares, podendo ser visto como um importante pilar no processo de adoção, uma vez que é por meio do Afeto que se constroem laços efetivos que, por sua vez, contribuem para a solidificação de novos territórios familiares. Para exemplificar essa situação, vejamos no quadro 4, os excertos 5 e 6, a seguir:

Quadro 4: Avaliações que denotam Afeto de felicidade

DEPOIMENTOS	
Excerto 5	“É a <i>prova viva de todas as maravilhas</i> que o AMOR faz na vida da gente. Que Deus o abençoe sempre” (DEPOIMENTO 1).
Excerto 6	“Hoje está com 4 anos, é uma <i>criança linda por dentro e por fora</i> . Assim como seus irmãos é uma filha <i>amorosa</i> e juntos eles dão sentido à nossa vida” (DEPOIMENTO 14).

Fonte: Produzido pelas autoras.

No excerto 5, podemos perceber um processo relacional atributivo, que denota qualidade ao participante, no qual o filho é identificado pelo uso do atributo “prova viva de todas as maravilhas”, caracterizando uma avaliação de Afeto de felicidade, pois esse atributo faz parte de sentimentos que pertencem ao campo do “coração”. Ao avaliar afetivamente o filho por adoção como uma “prova viva de todas as maravilhas”, os/as pais/mães externalizam simbolicamente que o sentimento de alegria é real, sendo construído por meio do amor. A partir dessa identificação, podemos compreender que os/as filhos/as por adoção conseguem materializar todas as maravilhas que o amor é capaz de construir na vida de uma família. Com

isso, notamos que os/as pais/mães por adoção construíram uma avaliação positiva em relação ao filho, mostrando-nos a consolidação de um vínculo afetivo que, sob o nosso ponto de vista, é algo fundamental no processo de recolocação do menor em uma família substituta.

Em relação ao excerto 6, temos uma avaliação de Afeto que é materializada por meio de um processo relacional identificativo: “é” e “uma criança linda por dentro e por fora”, no qual a filha adotada é identificada como uma criança que é linda tanto pelos sentimentos que possui quanto pelas suas características físicas, sendo vista como uma qualidade atribuída à participante. Além disso, temos uma segunda avaliação nesse excerto, marcada pelo emprego de um processo relacional identificativo “é” e “uma filha amorosa”, o que denota uma avaliação também de Afeto de felicidade, caracterizando também uma qualidade atribuída à participante. Ao identificarem a filha por adoção por meio de avaliações de Afeto de felicidade, os/as pais/mães demonstram que conseguiram construir com essa filha uma relação pautada na admiração e no amor, elementos fundamentais para o estabelecimento e a manutenção de vínculos afetivos, sendo visto como algo importante para a consolidação de uma adoção bem-sucedida.

Nesse sentido, é inegável que o vínculo afetivo se constitui como um dos pilares mais importantes do processo de adoção, uma vez que, quando há o rompimento desse vínculo, os/as filhos/as por adoção retornam novamente para as instituições de acolhimento. É fundamental, durante esse processo, que os/as pais/mães saibam lidar com as dores do/a filho/a por adoção, acolhendo também a sua trajetória de vida, ao invés de negá-la.

Nessa esteira, as avaliações carregadas de Afeto apontam para a possibilidade de essas crianças se inserirem efetivamente nesse novo ambiente familiar, culminando não somente no estabelecimento de laços afetivos, mas também na superação de traumas diversos. Isso denota que o amor é um sentimento muito importante nesse contexto, uma vez que por meio dele a criança e o/a adolescente podem recuperar sua confiança e autoestima, de modo a se sentirem seguros no âmbito familiar e social.

Consideramos, na nossa análise, as três formas de realização do Afeto em textos (cf. quadro 1), na qual houve predomínio da realização de Afeto como qualidade atribuída aos filhos/as por adoção. Ao analisar as identidades atribuídas aos/às filhos/as pelos/as seus/suas pais/mães, notamos que é por meio do discurso que elas são materializadas, em um processo dialético no qual há uma identificação tanto do/a filho/a quanto dos/as próprios/as pais/mães. Baseando-nos nessa questão, conseguimos perceber, a partir da análise, que os/as filhos/as por adoção foram identificados por meio do emprego de diferentes atributos que estão associados a Afetos de segurança, insegurança, felicidade e satisfação. Com isso, percebemos que não há uma identidade única, pois assumimos diferentes “eus” nas diversas práticas sociais das quais fazemos parte, conforme aponta Hall (2009). Isso nos remete à diferenciação que Fairclough (2003) faz acerca das identidades social e pessoal, tendo em vista que a primeira está relacionada com os diferentes papéis sociais que desempenhamos, sendo revestida, por sua vez, pela própria identidade pessoal.

Desse modo, quando os/as pais/mães identificam os/as filhos/as por adoção como pessoas lindas, super-heróis, medrosas, valentes, inseguras, amorosas, dentre outros, isso aponta para identidades sociais que estão associadas, de certa, com as histórias de vida do/a filho/a adotado/a. Além disso, é por meio de um processo de identificação com os/as filhos/as, que esses/as pais/mães agiram no mundo de forma a adotá-los/as.

5 Considerações finais

Ao empreendermos uma análise sobre a maneira como as crianças e adolescentes adotados/as são identificados pelos/as seus/suas pais/mães nos depoimentos, foi possível refletirmos acerca dessa problemática no Brasil. Percebemos o quão importante é o desenvolvimento de projetos como o “Quero uma Família”, pois as atitudes adotivas narradas pelos/as pais/mães por adoção em seus depoimentos nos servem de inspiração, sobretudo, por estarem repletas de avaliações marcadas pelo Afeto, com prevalência de emoções ligadas ao grupo da felicidade. Essas avaliações de Afeto materializadas nesses depoimentos podem incentivar o processo de adoção tardia, convergindo, de certa forma, com o propósito do projeto.

Convém salientar as contribuições da LC, especificamente, do programa *WordSmith Tools* 7 (SCOOT, 2016), tendo em vista que ele direcionou a nossa análise para o processo “ser”, que foi o mais frequente no nosso *corpus*. Ao lançarmos nosso olhar sobre esse processo, conseguimos notar que as avaliações de Afeto foram predominantes. Essas avaliações são muito importantes no contexto do processo da adoção, uma vez esse processo é visto como um mecanismo legal que tem como finalidade principal “[...] a proteção de crianças e adolescentes em situação de abandono” (MONTEIRO; SILVA, 2010, p. 475), assegurando-lhes o direito de ter uma família e de viver em família.

Desse modo, quando os/as pais/mães identificam seus/suas filhos/as por adoção a partir de sentimentos e emoções, eles/elas mostram que a construção de uma relação baseada no amor não depende de laços consanguíneos, mas de demonstrações corriqueiras de Afeto. Por meio da análise realizada, percebemos o “[...]como, a partir de que, por quem e para que” a adoção acontece, pois ela é um fator determinante em termos de conteúdo simbólico da identidade (CASTELLS, 1999, p. 23). Com isso, entendemos que o processo de adoção possibilita a construção de novas identificações para várias crianças e adolescentes que estiveram em situação de vulnerabilidade social, proporcionando-lhes uma nova possibilidade de serem filhos/as novamente e de pertencerem a um lar.

Referências

AMIGO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/amigo/>. Acesso em: 09 de mar. 2021.

BERBER SARDINHA, T. B. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BERBER SARDINA, T. B. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BITTENCOURT, S. *A nova lei de adoção: do abandono à garantia do direito à convivência familiar e comunitária*. Lumen Juris Editora: Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. *Estatuto da criança e do adolescente*: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 de mai. 2021.

- BRASIL. *Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Diagnóstico sobre o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento/ Conselho Nacional de Justiça - Brasília: CNJ, 2020.*
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, R. Q. F. As representações sociais transmitidas nas histórias em quadrinhos de super-heróis. *Revista de Psicologia da UNESP* 9(2), 2010.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. Londres e Nova York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Trad. I. Magalhães et al. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. 2 ed. New York: Routledge, 2010.
- FUZER, C; CABRAL, S. R. S. 2014. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T (org.). *Identidade de diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HALLIDAY, M.A.K. *Introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to Functional Grammar*. 4rd edition, London: Routledge, 2014.
- HOUAISS, A; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LIMA, M. C. Discursos sobre gênero e identidade. In: OTTONI, M. A. R; LIMA, M. C (org.). *Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discurso crítica*. São Paulo: Cortez, 2014.
- LISBOA, R. S. *Manual de Direito Civil: direito de família e sucessões*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 2013.
- MARTIN, J. R; ROSE, D. *Working with discourse: meaning beyond the clause*. Open Linguistics Series. Londres e New York: Continuum, 2003.
- MARTIN, J. R; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2005.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. Quero uma família. Disponível em: <http://queroumafamilia.mprj.mp.br/apresentacao>. Acesso em: 09 de mar. 2021.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- MONTEIRO, W. B; SILVA, R. B. T. *Curso de Direito Civil*. 40 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- OTTONI, M. A. R. As representações identitárias do gênero humor sexista. In: OTTONI, M.

A. R.; LIMA, M. C (org.). *Discursos, identidades e letramentos: abordagens da análise de discurso crítica*. São Paulo: Cortez, 2014.

PAIVA, L. D. *Adoção: significados e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 7*. Stroud: Lexical Analysis Software, 2016.

VIAN JR, O. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR, O; SOUZA, A. A; ALMEIDA, F. S. D. P. *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmico-funcionais com base o sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WODAK, R; MEYER, M. (org.). *Methods of critical discourse analysis*. Londres: Sage, 2009.

WHITE, P. R. R. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v. 4, n. esp, pp. 178-205, 2004.

Recebido em: 28/06/2021

Aceito em: 06/09/2021